

O PERFIL PROFISSIONGRÁFICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O SÉCULO XXI: REFLEXÃO DE UMA NOVA PERSPECTIVA

PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONAL PROFILE FOR THE 21TH CENTURY: A REFLECTION OF A NEW APPROACH

João Carlos Jaccottet Piccoli¹

RESUMO

O objetivo do presente artigo foi refletir sobre o perfil do profissional de Educação Física do século XXI. Uma revisão de literatura foi elaborada, enfocando as transformações que a sociedade está enfrentando, como economias abertas, descentralização do estado, novas tecnologias de comunicação, transformações nos ambientes de trabalho, entre outras. O estudo conduz a uma ideia de que, numa sociedade em constante evolução, onde a transitoriedade, o incerto e o imprevisto estão cada dia mais presentes e o conhecimento e a quantidade de informações evoluindo de uma forma quase que incontrolável, necessita-se preparar adequadamente o indivíduo para nela conviver. Assim, acredita-se que o profissional de Educação Física do século XXI deverá demonstrar: competência científica através do domínio dos conhecimentos relacionados com as disciplinas curriculares através de atividades de ensino, de pesquisa e de extensão; competência pedagógica, que proporcionará o saber-fazer, relativo às disciplinas do currículo, ajustado ao nível e às possibilidades dos alunos, que enfocam o saber ser e estar e supõem a capacidade de organizar as suas próprias atividades com autonomia e responsabilidade, ser receptivo às mudanças e possuir uma visão crítico-reflexiva através da utilização da pesquisa científica como um instrumento de articulação entre a teoria e a prática.

Palavras-chave: Educação Física. Perfil profissional. Século XXI.

ABSTRACT

The purpose of this paper was to make a reflection on the profile of the new century Physical Education professional. Through a review of the related literature it was pointed out the transformation that society is undergoing such as open economies, state decentralization, new communication technologies, environment transformation, among others. The paper presented an idea that in a changing society where transition, uncertainty, unexpected circumstances, change, and transformation are observed where knowledge is developed in an almost uncontrolled way and that the amount of available information has increased, it is important to prepare man and woman appropriately. So, it is believed that the twenty-first century Physical Education professional in order to survive in this new social context has to show: scientific capability in which he or she masters the knowledge of the curriculum component subjects;

¹ Professor Ph.D. em Educação Física, Ohio State University, Columbus, Ohio, USA. Docente do Mestrado Profissional em Inclusão Social e Acessibilidade e do Curso de Educação Física da Feevale. Professor do Curso de Educação Física da ULBRA. E-mail: joaopiccoli@feevale.br.

pedagogical capability that will provide the know how, the execution and the communication of comprehensive knowledge related to the curriculum content subjects adjusted to the student level and possibilities, and personal capabilities focused on the student wellbeing. It is also expected that he or she organize his or her own activities independently with responsibility, be receptive to change and have a critical and reflective view built through scientific research as an instrument of the articulation of theory to practice.

Keywords: Physical Education. Professional profile. Twenty-first century.

INTRODUÇÃO

Hoje em dia, os Cursos de Educação Física oferecidos por Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil estão envolvidos no processo de discussão e de implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, e das orientações específicas para a licenciatura plena em Educação Física, nos termos definidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, aprovados pelo Conselho Nacional de Educação.

Por outro lado, os Cursos de Educação Física estão sendo submetidos ao processo de avaliação pelo Ministério da Educação (MEC), quando uma Comissão de Especialistas de Ensino de Educação Física designada pela SESU/MEC verificará a existência de condições para o reconhecimento dos Cursos de Graduação em Educação Física oferecidos no território brasileiro. Esse sistema de avaliação de cursos superiores no País produzirá indicadores e um sistema de informações que subsidiará tanto o processo de regulamentação, exercido pelo MEC, como garantirá a transparência dos dados sobre qualidade da educação superior a toda sociedade. Os instrumentos que subsidiam a produção de indicadores de qualidade e os processos de avaliação de cursos desenvolvidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/MEC são: o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e as avaliações *in loco* realizadas pelas comissões de especialistas.

Certamente toda a avaliação externa gera uma série de preocupações e constrangimentos, os quais, certamente, procuram-se contornar com ações eficazes. Vários são os pontos de partida para tais ações, dentre os quais, cita-se o exame do próprio documento de análise, isto é, dos quesitos e dos critérios de avaliação que servirão de referência para tal Comissão. De posse da ficha de avaliação, observa-se que o projeto acadêmico do Curso, o nível de formação / titulação docente, a biblioteca e as instalações, entre outros aspectos, são considerados importantes nesse processo.

Não é pretensão do autor da presente reflexão abordar todos os aspectos mencionados, mas, sim, deter-se no projeto pedagógico, mais especificamente no perfil profissiográfico do profissional a ser formado por tais Instituições. Por que o perfil profissiográfico? Não se pode negar que se vive presentemente num momento de grandes transformações gerado por inúmeros fatores, entre os quais, os avanços científicos e tecnológicos. Projetando-se o profissional egresso de um Curso de Educação Física nesse mundo em constante transformação, pergunta-se: qual seria o seu perfil profissiográfico? Que competências são necessárias desenvolver para que ele possa sobreviver a qualquer tipo de mudança, saiba lidar com o imprevisto e possa estabelecer novas relações, novas ordenações e novos significados?

Partindo-se desses questionamentos, optou-se por fazer uma reflexão sobre o perfil do profissional de Educação Física para o século XXI.

NOVAS PERSPECTIVAS

O mundo está vivendo num processo de grandes transformações profundas e aceleradas - tudo se modifica a cada dia. Tal processo é condicionado por vários fatores, dentre os quais, os avanços científicos que multiplicam as informações, distribuindo o conhecimento e influenciando sistemas políticos, econômicos e sociais, presentes e futuros. Observam-se diversas mudanças ocorrendo não apenas no contexto mundial e nas sociedades atuais, como também nos ambientes de trabalho, nos negócios e nas organizações.

Drucker (1989) afirma que, em vez de uma nova ordem, tem-se uma nova desordem mundial por tempo ainda indeterminado. A partir de 1970, o estado-nação começou a se desfazer e o termo soberania começou a se redimensionar. Para Naisbitt (1990), o declínio do estado-nação é hoje um fenômeno universal, fato este que vem possibilitando o surgimento de outros países, os quais buscam, em maior ou menor escala, a sua própria autonomia, a gestão e o controle de seus recursos naturais, o autogoverno, revitalizados por características democráticas, graças ao sistema global de telecomunicações.

Segundo Moraes (2000), vários outros autores afirmam que o mundo já não é do Estado, e sim dos indivíduos, que se auto-organizam em atividades coletivas, gerenciando seus próprios processos, decidindo o valor de sua moeda, caracterizando a mudança global ao exercício do poder, que, associada à onda revolucionária das telecomunicações, vem gerando novas oportunidades de liberdade e de empreendimentos individuais.

Assim, nesse novo contexto, além da revalorização da pessoa humana, essas mudanças indicam a presença de economias abertas, de um Estado moderno, descentralizado, de governos democráticos e de uma crise generalizada dos sistemas hierárquicos verticais de controle, de administração, de produção social e econômica.

Moraes (2000) é de opinião de que está superado o conceito de Estado benfeitor ou beneficente, como também da dicotomia clássica entre Estado *versus* sociedade civil, público *versus* privado e coletivo *versus* individual. Então, a projeção do privado sobre o público já não ocorre sob a chancela do interesse individual, senão pela convergência e pela fusão deste com o interesse coletivo. O Estado já não é um organismo separado e distinto da sociedade civil.

Os novos desafios enfrentados pelos indivíduos e pelos governos, atualmente, não podem ser superados simplesmente por ações nacionais ou internacionais, e sim por ações transnacionais, com soberania própria, diferente da soberania nacionalista até então vigente.

Além do transnacionalismo, observa-se a realização de alianças regionais que tentam neutralizar as ações do governo nacional em áreas consideradas prioritárias. Assim, com o regionalismo, busca-se uma maior integração econômica, com a finalidade de facilitar a movimentação de pessoas, bens e serviços e de se criar uma nova ordem econômica grande e suficiente, que permita um livre comércio e uma forte concorrência.

Existe, hoje, um novo foco no tribal, mas em um mundo que está se tornando mais global, caracterizado pelo slogan “pensar localmente e agir globalmente”.

Para Moraes (2000), está se criando uma era de informações baseadas na tecnologia de comunicação e nas redes que as interconectam, a qual alimentará as economias do século XXI.

Se, por um lado, transformações ocorrem, por outro, existe a necessidade da criação de novos espaços de convivência, o que implica a valorização do indivíduo, a primazia do ser individual, a observação dos aspectos políticos nas novas formas de vida em construção. Essa primazia se expressa na afirmação de sua cidadania como direito fundamental, no respeito à liberdade, à iniciativa e à participação, o que requer criatividade e inovação, abertura espiritual, autoafirmação e autoestima, reconhecimento da singularidade de cada ser individual, poder de decisão e responsabilidade moral.

Os ambientes de trabalho, presentemente, estão em transformação, agora, centrados nos recursos humanos, na disponibilidade de informações, no conhecimento e na criatividade, o que os diferenciam daqueles estabelecidos em períodos anteriores, quando as organizações tinham como enfoque central o capital e os recursos financeiros disponíveis.

Assim, os profissionais do nosso milênio, num ambiente em constante transformação, deverão ser competentes, criativos e responsáveis, ter capacidade decisória e apresentar disponibilidade em trabalhar em equipes multidisciplinares. Moraes (2000), ratificando essa afirmativa, postula que, nos ambientes voláteis atuais, o indivíduo profissional com liderança e visão, comprometido com o empreendimento, é quem dará mais visão e estabilidade organizacional. Esses profissionais, trabalhando em grupos autogerenciados, unidos por uma visão comum, são encorajados a agir com maior responsabilidade, criatividade e imaginação, assumindo riscos, tomando iniciativas, comprometendo-se com o seu grupo e com o sucesso empresarial.

Naisbitt (1994) comenta que os ambientes de trabalho são ambientes de aprendizagem permanente, já que os indivíduos, além de desenvolverem habilidades específicas, como também conhecimentos especializados, podem se atualizar periodicamente e ser remunerados de acordo com os seus níveis de desempenho e de competência individual.

O processo de maturação tecnológica e de desenvolvimento das telecomunicações tem gerado um novo tipo de tecnologia, a qual está ocasionando mudanças organizacionais importantes observadas nos ambientes empresariais. Segundo Tapscott e Caston (1993), observa-se uma transição tecnológica em que a antiga arquitetura computacional está sendo alterada para enfrentar um novo mundo geopolítico e empresarial, que requer novos sistemas computacionais integrados, capazes de oferecer melhores respostas às questões relativas à globalização, à terceirização, à responsabilidade, à qualidade, à produtividade e à redução de custos operacionais.

De áreas isoladas de tecnologia, de sistemas computacionais desintegrados, passou-se para sistemas integrados e para redes internas e externas, utilizando-se os “softwares” como elementos facilitadores dessa transição. A utilização de sistemas computacionais interorganizacionais faz com que empresas, universidades e indivíduos interajam, tenham melhor desempenho, autonomia e melhores relações institucionais externas, gerando melhor diálogo e expansão dos horizontes individuais e organizacionais.

A informática e suas associações a outras tecnologias estão alterando as formas do fazer e, principalmente, as formas de pensar esse fazer. Para Moraes (2000), o novo cenário cibernético, informático e informacional não vem apenas gerando modificações socioeconômicas e culturais, mas também modificando a forma de pensar, conhecer e apreender o mundo. Isso porque a nova cidadania da cultura informatizada requer a aquisição de hábitos intelectuais de simbolização, de formalização do conhecimento, de manejo de signos e de representações que utilizam equipamentos computacionais.

Levy (1994), ao discutir o futuro do pensamento na era da informática, afirma que a informatização está gerando um novo tipo de gestão social do conhecimento na medida em que se está utilizando um modelo digital que não é lido ou interpretado como um texto clássico, mas explorado de forma interativa. Atualmente, não se utilizam apenas textos, livros e teorias redigidas no papel, mas também modelos computacionais corrigidos e aperfeiçoados ao longo do processo. Ao assim afirmar, esse autor conduz à ideia de que essa mudança técnica provocada pela informática faz com que novas estratégias e novos critérios sejam utilizados na construção do conhecimento, o que implica critérios e tipos de reflexão mental específicos, que atuem sobre as formas de pensar.

A mente humana é influenciada pela cultura, pela coletividade que fornece à língua, pelos sistemas de classificação, pelos conceitos, pelas analogias, pelas metáforas e pelas imagens. Portanto, qualquer alteração nas técnicas de armazenamento, na transformação e na transmissão das representações da informação e do saber provoca mudanças no meio ecológico no qual as representações se propagam, provocando mudanças culturais e mudanças no saber (MORAES, 2000). Para Lyotard (1993), a mudança de estatuto do saber é observada quando as sociedades entram na idade pós-industrial, e as culturas, na idade pós-moderna, produto da incidência de informações tecnológicas sobre o saber, decorrente da ciência e da técnica, as quais afetam a pesquisa e a transmissão do conhecimento. Certamente, essas transformações gerarão novas formas de conhecer, de saber e de regular a sociedade, o que poderá dar origem a um novo estilo de humanidade.

Se, por um lado, transformações ocorrem, por outro, existe a necessidade da criação de novos espaços de convivência, o que implica a valorização do indivíduo, a primazia do ser individual, a observação dos aspectos éticos e políticos e as novas formas de vida em construção. Essa primazia se expressa na afirmação de sua cidadania como direito fundamental, no respeito à liberdade, à iniciativa e à participação, o que requer criatividade e inovação, abertura espiritual, autoafirmação e autoestima, reconhecimento da singularidade de cada ser individual, poder de decisão e responsabilidade moral.

O futuro não é algo predeterminado ou imposto, ao contrário, depende de ações e atuações realizadas no presente. Depende da consciência coletiva e individual, da forma como será planejado e de como serão focalizadas as necessidades futuras dos indivíduos, dos caminhos escolhidos e compartilhados no presente. Desta forma, as sociedades que não souberem compreender as mudanças e que não proporcionarem a todos os seus membros a oportunidade de uma educação relevante ficarão à margem dos acontecimentos históricos (MORAES, 2000).

Um dos principais papéis reservados à educação consiste em fazer com que o indivíduo domine o seu próprio desenvolvimento, isto é, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que se vive, participando dela ativa e responsabilmente. Para Delors (2000), a educação deve transmitir, de forma maciça e eficaz, saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Deve, também, fornecer, de alguma forma, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Nessa visão prospectiva, não basta que cada um acumule, no começo da vida, uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa se abastecer indefinidamente. É, antes, necessário ter condições de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de se atualizar, aprofundar e enriquecer esses primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudanças.

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, Delors (2000) afirma que a educação deve se organizar em torno de três aprendizagens fundamentais que, ao longo da vida, se tornarão para o indivíduo os pilares no conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente, e *aprender a ser*, que implica aprender a viver juntos, a fim de participar e de cooperar com os outros em todas as atividades humanas, via essencial que integra as três precedentes. Certamente, essas quatro vias do saber se constituem apenas numa, já que existem vários pontos de contato, de relacionamento e de permuta entre elas.

O ensino formal orienta-se, principalmente, pelo aprender a conhecer e, em menor escala, pelo aprender a fazer. As duas outras aprendizagens dependem, a maior parte das vezes, de circunstâncias aleatórias, quando não são tidas, de algum modo, como prolongamento natural das duas primeiras. Segundo a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (apud Delors, 2000), os quatro pilares do conhecimento devem ser atendidos igualmente no ensino estruturado, a fim de que a educação se caracterize como uma experiência global a acontecer ao longo da vida, nos planos cognitivo e prático, para o indivíduo como pessoa e membro da sociedade.

Analisando-se as aprendizagens fundamentais enfatizadas pela Comissão mencionada, observa-se que o *aprender a conhecer* visa não somente à aquisição de uma série de saberes codificados, mas, sim, o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, levando o indivíduo a compreender o mundo que o rodeia, a fim de poder viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais e comunicar-se. Para Delors (2000), os

estudos sem utilidade imediata estão desaparecendo, tendo em vista o enfoque atual dado aos saberes utilitários. O aumento dos saberes que permita compreender melhor o ambiente, sob seus diferentes aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o senso crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. Assim, a formação inicial do indivíduo deve fornecer instrumentos, conceitos e referências resultantes dos avanços das ciências e dos paradigmas atuais.

Aprender para conhecer implica, primeiramente, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. O processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado, podendo ser enriquecido com qualquer experiência. Assim, tal procedimento está cada vez mais relacionado à experiência do trabalho, à medida que este se torne menos rotineiro, isto é, nos casos em que sair da rotina, o indivíduo é exigido a fazer relacionamento, interpretações, interpolações, inferências, invenções e complexas operações mentais, construídas em função de seu saber e de sua perícia quanto de sua visão da situação (PERRENOUD, 1999).

O *aprender a fazer* está mais estreitamente relacionado à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e, também, como adequar a educação ao trabalho futuro, quando não se pode prever a sua evolução. Observa-se, nas sociedades assalariadas constituídas ao longo do século XX, desenvolvidas sob o modelo industrial, que o trabalho humano começou a ser substituído pelas máquinas, tornando-o mais imaterial e acentuando o caráter cognitivo das tarefas.

Para Delors (2000), o futuro das economias industriais depende da sua capacidade de transformar o progresso dos conhecimentos em inovações geradoras de novas empresas e de novos empregos. Então, aprender a fazer não pode ter o mero significado de se preparar alguém para uma tarefa material bem-determinada, como a participação no fabrico de alguma coisa, requer, entretanto, uma qualificação adquirida pela combinação de uma formação técnica e profissional, pelo comportamento social, pela aptidão para o trabalho em equipe, pela capacidade de iniciativa e gosto pelo risco.

Tavares (1997) afirma que o saber-fazer, em outras palavras, competência pedagógica, pressupõe que os profissionais dominem os conhecimentos da especialidade e das ciências da educação, bem como os processos didáticos e as tecnologias educativas da comunicação. Para se construir o conhecimento pedagógico, é necessário não se perder de vista os sujeitos, os conteúdos temáticos, os processos, os conhecimentos, os meios e os contextos. O aprender a fazer visa, então, não somente a uma qualificação profissional, mas,

de uma forma mais ampla, competências que tornem o indivíduo apto a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe.

O *aprender a ser* implica preparar o indivíduo a elaborar pensamentos autônomos e críticos e a formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir em diferentes circunstâncias da vida. Cabe, então, à educação fornecer-lhe constantemente forças e referências individuais, as quais lhe permitam compreender o mundo que o rodeia e nele se comportar como ator responsável e justo. Segundo Delors (2000), mais do que nunca, “a educação parece ter como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos de seu próprio destino” (p. 100).

Em um mundo em constante transformação, caracterizado por inovações sociais e econômicas, a imaginação e a criatividade do indivíduo são aspectos que devem ser desenvolvidos. Assim, observa-se a necessidade de se oferecer ao indivíduo ocasiões possíveis de descoberta e de experimentação - estética, artística, desportiva, científica, cultural e social.

Se for agregada a essas novas exigências a busca de um compromisso pessoal do indivíduo, considerado como agente de transformação, torna-se evidente que as qualidades subjetivas, inatas ou adquiridas, denominadas “saber-ser” se juntem ao “saber” e ao “saber-fazer”, para compor a competência exigida, ligação que a educação deve manter entre os diversos aspectos da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação de novos cenários faz com que se compreenda que se é cidadão do mundo e que se tem o direito de estar suficientemente preparado para se apossar dos instrumentos da realidade cultural em que se vive, para, assim, dele participar. Isso leva a crer que essa preparação conduz o indivíduo a elaborar as informações nele produzidas e que afetam a vida do cidadão.

Numa sociedade em constante evolução, em que a transitoriedade, o incerto, o imprevisto, as mudanças e as transformações estão cada dia mais presentes, na qual o conhecimento evoluiu de uma forma quase que incontrolável e a quantidade de informações

disponíveis é cada vez maior, observa-se a necessidade de se preparar o indivíduo para nela conviver.

Assim, acredita-se que o profissional de Educação Física do século XXI, para sobreviver nesse novo contexto, deverá demonstrar três tipos de competências: científica, pedagógica e pessoal.

A competência científica implica a aquisição do conhecimento (saber) e o domínio dos conteúdos relacionados com as disciplinas componentes do currículo do curso, pressupondo uma intersecção com outras áreas do saber através das atividades de ensino, da pesquisa e da extensão.

A competência pedagógica proporciona o saber-fazer, executar e o comunicar os conhecimentos compreensivos relativos às disciplinas competentes do currículo, ajustados ao nível e às possibilidades dos alunos. Tal competência pressupõe que os profissionais tenham competência científica, domínio dos processos didático-pedagógicos e das tecnologias educativas da comunicação.

A competência pessoal enfoca o saber-ser e estar, isto é, o desenvolvimento intra e interpessoal do profissional. Essa competência supõe a capacidade de organizar suas próprias atividades, agindo com autonomia e responsabilidade, de ser receptivo às mudanças, de ser empático nas relações interpessoais, de demonstrar comprometimento com a profissão escolhida, de possuir uma visão crítico-reflexiva, utilizando a investigação científica como um instrumento de articulação entre a teoria e a prática, na elaboração e na reelaboração do conhecimento, de buscar atualização permanente em conhecimentos gerais e técnico-profissionais, de demonstrar vivência coerente com uma escala de valores definida, conferindo-lhe o equilíbrio indispensável à missão de educador, e que apresente integridade e respeito nas relações interpessoais, tendo presentes a liberdade e a especificidade das pessoas com quem convive.

REFERÊNCIAS

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DRUCKER, P. F. **As novas realidades: no governo e na política, na economia e nas empresas, na sociedade e na visão de mundo**. São Paulo: Pioneira, 1989.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olímpico, 1993.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

NAISBITT, J. **Paradoxo global**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

TAPSCOTT, D.; CASTON, A. **Paradigms shift: the new promise of information technology**. New York: McGraw-Hill, 1993.

TAVARES, J. A formação como construção do conhecimento científico e pedagógico. In: TAVARES, J.; ALARCÃO, I. (org.). **Percursos de formação e desenvolvimento profissional**. Porto: Porto Editora, 1997.